



A FUNÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Maria Emília Alves Carneiro*
Luciane Madeira Motta Tavares**

RESUMO

Este trabalho aborda a função do pedagogo no ambiente hospitalar. Tal abordagem se impõe a necessidade de mostrar que em cada ambiente hospitalar atue um pedagogo, pois ele irá trabalhar com o aluno não somente conteúdos teóricos, mas, também, irá auxiliar o paciente e sua família em questões psicológicas. Ao auxiliar o aluno irá mudar um pouco o foco do ambiente hostil que nada remete a sala de aula. O objetivo desse trabalho é apresentar a importância de ter um pedagogo em ambiente hospitalar e demonstrar a necessidade do aluno que está em processo de internação em continuar no ambiente escolar, por meio do pedagogo hospitalar. Também evidenciar que ao ter contato com um pedagogo hospitalar, pode fazer com que o aluno mude o foco daquele ambiente desfavorável e se concentre nas atividades propostas pelo pedagogo. Este propósito será conseguido mediante a metodologia bibliográfica. A pesquisa evidenciou que o pedagogo hospitalar é indispensável mediante internação de crianças e adolescentes, pois só assim eles conseguirão dar continuidade aos estudos, diminuindo assim a evasão escolar e até mesmo a repetência. Lembrando que o pedagogo deve estar sempre disposto a ouvir tanto o aluno quanto a sua família, atuando assim como um psicólogo e dando todo o apoio necessário.

Palavras-chave: Pedagogia. Internação. Pedagogo Hospitalar.

* Maria Emília Alves Carneiro, graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: milla_pgl@hotmail.com

** Luciane Madeira Motta Tavares, Professora do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS-MG). E-mail: luciane.madeira@uol.com.br



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a função do pedagogo no ambiente hospitalar, o problema de pesquisa é identificar quais metodologias o pedagogo pode utilizar para trabalhar com o aluno em um ambiente que nada remete a educação como o hospital. Acredita-se que ao trabalhar metodologias diferenciadas, por exemplo, as que utilizam o lúdico, o aluno irá demonstrar mais interesse pela aprendizagem. Pois, pelo fato de se encontrar em ambiente de hospitalar, é provável que esteja debilitado, sem força de vontade de aprender. Então, cabe ao pedagogo trabalhar de forma diferenciada para prender a atenção do aluno.

Tal abordagem é devida ao fato do tema proposto ter a importância de mostrar a necessidade de que em cada ambiente hospitalar atue um pedagogo, pois ele irá trabalhar com o aluno não somente conteúdos teóricos, mas, também, irá auxiliar o paciente e sua família em questões psicológicas. Ao auxiliar o aluno irá mudar um pouco o foco do ambiente hostil que nada remete a sala de aula. É importante ressaltar também a contribuição do trabalho para a comunidade.

O objetivo deste trabalho é apresentar a importância de se ter um pedagogo em ambiente hospitalar e demonstrar a necessidade do aluno que está em processo de internação em continuar no ambiente escolar, por meio do pedagogo hospitalar. Também evidenciar que ao ter contato com um pedagogo hospitalar, pode fazer com que o aluno mude o e se concentre nas atividades propostas pelo pedagogo. Este propósito será conseguido mediante pesquisa bibliográfica.



2 O SURGIMENTO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar, surgiu durante a II Guerra Mundial onde várias crianças e adolescentes ficaram feridas, e precisaram ficar internadas. Algumas até apresentavam casos de hanseníase e tuberculose. Como a demanda de crianças internadas cresceu muito, os hospitais tiveram de ser adaptados. Assim, de acordo com Amorim (2011), foi criada por Henri Sellier a classe hospitalar, que tinha como objetivo amenizar a dor e sofrimento causados pela guerra, permitindo que os alunos tivessem o direito de prosseguir com seus estudos ali mesmo no Hospital.

Ortiz comenta que: “A classe hospitalar é uma abordagem de educação ressignificada como prioridade, ao lado do tratamento terapêutico.” (1999 apud ARAUJO, 2015, p. 36180). Sendo assim, é importante que o pedagogo trabalhe em conjunto com o hospital, analise o prontuário do aluno, para saber a causa da internação, faça anotações de todas as atividades realizadas, para que quando o paciente tiver alta, seja entregue as anotações para a escola, além também de ser em partes uma terapia para o aluno, uma vez que ao aprender ele consegue dispersar um pouco seu pensamento em relação a sua condição e saúde.

A proposta de Henri Sellier foi adotada por: Europa, Alemanha, Estados Unidos e França que resolveram adaptar seus hospitais para que pedagogos também pudessem atuar, já que naquela época eram muitos casos de crianças com tuberculose que passavam por longos períodos de internação o que as impossibilitavam de frequentar a escola.

Em 1939 foi criado em Suresnes na França o C.N.E.F.E.I (Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas), com o objetivo de capacitar os Pedagogos para trabalharem na área hospitalar e defender o direito das crianças a ter um Pedagogo Hospitalar durante o período de internação. O curso de formação para especialização na área tinha a duração de dois anos.



Foi estabelecido que para atuar em ambiente hospitalar seria necessário uma formação diferenciada da Pedagogia “tradicional”. Em 1939 foi criado o cargo de Professor Hospitalar, na França, junto com o Ministério da Educação Francês.

De acordo com Fontes (2008), Pedagogia Hospitalar se diferencia da pedagogia tradicional porque ocorre em ambiente diferente, nesse caso o hospital, e o aprendizado busca contribuir para a satisfação do corpo e da mente do educando. Conforme Matos e Mugiatti (2014), ela contribui para cura, pois “Favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, de condição inata do organismo, de saúde e de bem-estar, ao resgate da humanização e da cidadania. (apud MATOS; MUGIATTI, 2014, p. 29).

O Pedagogo Hospitalar contribui para que o aluno mude o foco daquele ambiente hospitalar e se concentre em atividades que trazem momentos de alegria e distração, contribuindo assim, para sua melhora.

3 A HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL

De acordo com Amorim (2011) a Pedagogia Hospitalar no Brasil é recente, a autora cita que os primeiros estudos e pesquisas sobre o tema foram realizados por Fonseca (1999). Há estudos que mostram a origem da Pedagogia Hospitalar no Brasil deu-se em solo Paranaense, mas, devido à escassez de pesquisas referente a essa área torna-se difícil afirmar com toda certeza. Porém, na maioria das pesquisas realizadas, a Pedagogia Hospitalar no Brasil teve sua origem na década de 50, na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente em 24 de Agosto de 1950, no Hospital Menino Jesus, no qual até hoje é referência. Fonseca (2000) também fala que esse trabalho teve início com a professora Lecy Rittmeyer que era Pedagoga, estudava Serviço Social, e chegou a cuidar sozinha de 200 leitos de hospital, sendo que 80 deles eram de crianças em idade escolar. Vários hospitais também optaram por esse tratamento, porém sem a ajuda do Estado, recebiam várias doações.



Em 1970 no Hospital das Clínicas em Ribeirão Preto, inicia-se o tratamento hospitalar, com iniciativa da Assistente Social Silvana Mariniello, que disponibilizou diversos projetos para regularização da Classe Hospitalar, porém o projeto sofreu inúmeras alterações até o ano de 1997 que é a forma de trabalho usada até hoje.

Somente em 1997, o Serviço Social de Assistência a Pacientes Internados e o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina entraram com um pedido oficial a Secretaria de Educação para que fosse criado um projeto nos moldes atuais que favorecesse aos pedagogos de classes hospitalares no Brasil,

As dificuldades que os pioneiros em Pedagogia Hospitalar sofriam no Brasil eram semelhantes a outros países, muitas vezes eram mal vistos por funcionários do hospital, a classe não era valorizada, e tinham de fazer trabalho voluntário. Porém aos poucos a classe ia ganhando seu espaço dentro dos hospitais. E em 15 de outubro de 1987 foi inaugurada a escola Schwester Heine, instalada na ala pediátrica do Hospital do Câncer A.C. Camargo, situado no Bairro da Liberdade em São Paulo, através de um convênio com a prefeitura. O nome da escola foi uma homenagem a uma enfermeira alemã. Que na década de 40 conscientizava seus pacientes sobre a importância da educação.

“Segundo a política do MEC, Classe Hospitalar é um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar.” (BRASIL, 1994, p. 20).

É importante que ao estar em ambiente de internação crianças e adolescentes sejam acompanhadas por um Pedagogo Hospitalar para darem continuidade aos estudos. Assim, quando tiverem alta e puderem retornar a escola, não estejam com a aprendizagem defasada.



4 LEGISLAÇÕES

Está escrito na Constituição de 1988, que Educação é um direito de todos, e dever do Estado. Portanto é direito de toda criança e adolescente hospitalizado ter acesso à Educação em Classe Hospitalar.

Em 1996 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no qual criou regras para o ensino, incluindo o ensino em hospitais. Além de inserir o aluno em um contexto escolar é necessário que se trabalhe diversas metodologias, para que ele se concentre na aprendizagem independente do ambiente hospitalar.

No Artigo 13 da LDB consta que o sistema de saúde e de ensino devem trabalhar em conjunto para dar continuidade a aprendizagem do aluno.

Há correntes teóricas que defendem a educação escolar em classes hospitalares. Fonseca (2001, 2002) e Ceccim (1997 e 1999) defendem a presença de Pedagogos em Hospitais para dar continuidade a escolarização dos alunos, pois isso evita a evasão e a repetência dos mesmos.

Porém, outra teoria defendida pela professora Dr. Regina Taam, que tem um forte embasamento na teoria do médico francês Henri Wallon (1879-1692), defende que a presença de um Pedagogo em Ambiente Hospitalar, pode sim contribuir para o bem estar emocional e físico da criança, mas não contribui para o crescimento curricular de conteúdos que deveriam ser ensinados somente em ambiente escolar.

Consta no Artigo 58, mais precisamente no 2º Parágrafo da LDB nº 9394 /96 que “todo aluno privado de condições de integrar uma sala de aula, possui o direito a serviços especializados”. (BRASIL, 1996). De acordo com a LDB toda criança deve desfrutar de todos os processos possíveis e necessários para impedir a suspensão do desenvolvimento de aprendizagem.

Na Resolução nº 41 de 31/ 10/ 1995 do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente foi publicada os Direitos da Criança e Adolescente Hospitalizados. (BRASIL, 1995).



Somente na década de 90 foram criadas Leis específicas para a Classe Hospitalar, antes as classes hospitalares eram regidas pela Constituição Federal de 1988 e pela LDB, tendo como base a ideia de educação para todos.

Dentre as Leis pode-se citar o ECA, precisamente artigo 9 que trata-se do direito a educação. Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, e a Lei dos Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados, através da resolução n ° 41 de 13/10/1995. A classe hospitalar está incluída da LDB como educação especial.

Foi criado em 2002 pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação um documento com o título: Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações. Com o objetivo de orientar os profissionais a como administrar o ensino em ambiente hospitalar, e como prosseguir o ensino quando o aluno recebe alta.

A Lei 15886 de 04 /11/ 2013 garante que crianças e adolescentes que estejam internados possam continuar seus estudos.

O Documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar é a Base Legal mais recente que temos a respeito da Pedagogia Hospitalar e tem por objetivo promover o direito que crianças e adolescentes tem de ser acompanhadas por um Pedagogo Hospitalar, caso sejam internadas.

Segundo o documento do MEC (BRASIL, 2002, p.25) “o Poder Público deve identificar todos os estabelecimentos hospitalares ou instituições similares que ofereçam atendimento educacional para crianças, jovens e adultos, visando orientá-los quanto às determinações legais.”. Assim é dever do Poder Público saber quais hospitais tem atendimento pediátrico e instruir os mesmos sobre o Direito que crianças ou adolescentes internados possuem de ter o atendimento do Pedagogo Hospitalar.

Então cabe as Secretarias Municipais e Federais atender caso os Hospitais necessitem de um Pedagogo Hospitalar.

Em 21/03/2005 foi publicada e sancionada pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva a Lei n ° 11104 onde regulamenta que todos os Hospitais no qual possuem

VI SIMGETI – Grupo Educacional Unis – Varginha, 23 e 24 de novembro de 2020 –

ISSN: 2447-7303



atendimento pediátrico devem ter brinquedoteca. Um espaço que contenha brinquedos e jogos educativos, que tem a função de estimular a aprendizagem da criança. Caso a Lei não seja cumprida, estará sujeito a infração a Legislação Sanitária Federal e terá penalidades. A Lei entra em vigor 180 dias após a sua publicação.

5 A FUNÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR

O papel do pedagogo hospitalar é de extrema importância para auxiliar alunos que por questões de saúde não conseguem participar das aulas regularmente. Assim, é necessário que esse profissional se capacite para atender com excelência seus alunos e busque sempre novos conhecimentos.

Ao se encontrar em um ambiente de internação, a criança ou adolescente já está frágil, com medo e longe da sua rotina. E isso pode prejudicar sua infância ou até mesmo piorar o seu estado de saúde, dificultando assim sua recuperação. Portanto a Pedagogia Hospitalar é classificada como modalidade de atendimento especial, pela Secretaria de Educação Especial do MEC. Segundo Silva, (2012 p. 5) o trabalho do pedagogo hospitalar também intervém como uma terapia para o aluno:

O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina da criança no qual permanece no hospital. (SILVA, 2012, p. 5).

A Pedagogia Hospitalar é uma técnica inovadora, uma nova alternativa de ensino, e pode ser vista também como uma nova forma de inclusão, pois vem como uma proposta diferenciada de aprendizagem, onde se utiliza o lúdico e diversas metodologias para que haja a aprendizagem. Tamm descreve sobre as classes hospitalares:



Em alguns hospitais públicos existem as chamadas classes hospitalares. As escolas públicas municipais que, na verdade, utilizam espaços que deviam estar ocupados por mais leitos pediátricos, laboratórios e consultórios e não estão, por descaso das autoridades com a saúde pública. Essas classes sofrem um problema de identidade: sendo anexos de uma escola da rede municipal, não fazem, de fato, parte de escola alguma; por outro lado, embora funcionem dentro do hospital, não fazem parte dele. (...) O que precisamos mesmo é olhar a enfermaria pediátrica de modo novo, um modo de olhar que talvez possa ser apreendido na pedagogia clínica, quando a pedagogia clínica existir. (TAAM, 1997 apud FONTES, 2008, p.77).

Baseando na importância da formação docente, Farfus comenta: “O processo de formação do pedagogo e de profissionais que atuam em educação requer, atualmente, o desenvolvimento de novos conhecimentos, habilidades e atitudes, para sua atuação seja efetiva” (FARFUS, 2012 apud DIAS; RODRIGUES, 2017, p. 21257). Conforme é citado, é possível observar a necessidade que pedagogos e profissionais da educação estejam sempre em busca de novos conhecimentos. Um pedagogo jamais deve deixar de estudar. A busca por novas aprendizagens deve ser constante.

Cabe ao pedagogo hospitalar a função de estimular a aprendizagem do aluno em um ambiente que nada remete a uma sala de aula. É necessário que o mesmo esteja disposto a apoiar e orientar tanto o paciente quanto a sua família, pois assim os mesmos se sentirão seguros e será mais fácil compreender esse momento de dificuldade pelo qual estão passando. Libaneo (2007) diz.

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim o campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia. (LIBANEO, 2007 apud MENEZES, 2015, p. 16738)

A Pedagogia é um grande leque, são diversas as formas de atuação de um pedagogo, não somente a sala de aula. Há o pedagogo hospitalar, o pedagogo empresarial, o gestor escolar, educador especial, dentre outros, não ficando somente restrito a sala de aula. (LIBÂNEO, 2001, p 20)

Um ponto essencial a ser destacado do profissional da Pedagogia Hospitalar é que com sua presença a criança não se sentirá tão sozinha, e ao realizar as atividades propostas isso fará com que ela não sinta tanta falta do ambiente escolar e até sua autoestima será elevada. Através desse processo o pedagogo deve entrar em contato com a escola do aluno para saber informações do tipo qual série ele frequenta, o que o professor estava trabalhando em sala de aula, deverá trabalhar em conjunto: pedagogo+hospital+família.

É necessário que anote todas as atividades propostas e realizadas pelo aluno em seu prontuário. E quando o paciente tiver alta, é de extrema importância que esse documento o acompanhe e seja entregue a escola, para que o professor tenha acesso a todas as informações. Como diria Silva e Farago:

Partindo-se da hipótese de que a presença e atuação de um pedagogo no ambiente hospitalar são de extrema importância às crianças e adolescentes em fase escolarização, como forma de dar continuidade ao seu aprendizado, garantindo-lhes seu direito a educação e possibilitando instantes lúdicos, de descontração, bem estar, interatividade e de compartilhamento e aquisição de novos conhecimentos, de modo a preencher seu tempo ocioso de forma sadia, através de atividades variadas, fazendo com que se ‘desliguem’ temporariamente, do momento tão difícil que estão atravessando. (SILVA; FRAGO, 2014, p. 167).

Estar em um ambiente hospitalar, em processo de internação faz com que o aluno esteja fragilizado, com dúvidas, incertezas, medos. Quando há a atuação do pedagogo, o aluno muda o foco que era somente o ambiente hospitalar, e acaba aprendendo a preencher seu tempo com atividades que lhe trarão um conforto, que de certa forma amenizará a falta que ele sente da escola e da rotina em que vivia quando estava em casa. De acordo com Ceccim e Carvalho.

[...] para atuar em classes hospitalares, o profissional deve estar habilitado para trabalhar com a diversidade humana e com diferentes hábitos culturais, de modo que possa identificar as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos, em um determinado momento da vida, de frequentar a escola. (ORTIZ, 2003 apud OLIVEIRA; RUBIO, 2012, p. 9).

É importante que o pedagogo esteja disposto a estimular a aprendizagem do aluno, mas também aprender com ele. É necessário que ele saiba respeitar a cultura do mesmo, e que compreenda que cada aluno tem sua necessidade especial. Um método que tenha dado certo com o aluno A, pode não ter sucesso com o aluno B. Portanto, cabe ao pedagogo ter várias metodologias de ensino para que a aprendizagem de todos os alunos seja satisfatória. Segundo Silva:

O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina da criança no qual permanece no hospital. (SILVA, 2012, p.5).

O Pedagogo deve observar se trabalhando o lúdico está sendo eficaz. Ele jamais deve ser autoritário e deve estar sempre disposto a ouvir o paciente e sua família. Pois muitas das vezes eles se sentem excluídos da sociedade. A maioria nem sabe do Direito de ter um Pedagogo Hospitalar acompanhando a criança ou adolescente que se encontram em ambiente de internação.

Ao ser acompanhada por um Pedagogo a criança volta a se sentir parte da sociedade, tem sua autoestima elevada e esquece um pouco do ambiente hospitalar e de toda dor e desconforto que o período de internação traz. Conforme Pereira (2014):

O ambiente hospitalar onde é feito o atendimento as crianças e adolescentes deve ser diferenciado, acolhedor, com brinquedos e jogos, com estimulações visuais, um ambiente alegre e aconchegante. Assim, através de brincadeiras, as crianças e os adolescentes internados encontraram uma maneira mais positiva e criativa para viver a situação de doença, diminuindo o comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos. No entanto, é imprescindível que haja um planejamento juntamente com a escola de origem dessas crianças para que seja dada a continuidade do trabalho escolar e as crianças possam ser reintegradas à escola assim que obtenham alta do hospital. (2014, p. 6).



Se possível, é importante que o ambiente onde são realizadas o atendimento do Pedagogo Hospitalar, seja um ambiente colorido, agradável, uma dica é que o Pedagogo use roupas coloridas, que transmitam alegria. De acordo com Rocha (212, p.17):

Trabalhar junto a crianças e adolescentes hospitalizados é um desafio que implica em descobrir estratégias diferenciadas e adaptáveis à realidade e necessidade de cada um, por exemplo, como abordar e provocar neles interesse em aprender, diante de uma doença grave.

Cabe ao pedagogo verificar se a aprendizagem está sendo eficaz com a metodologia que está sendo utilizada.

Conforme Pereira (2014, p. 6) O ambiente hospitalar onde é feito o atendimento as crianças e adolescentes deve ser diferenciado, acolhedor, com brinquedos e jogos, com estimulações visuais, um ambiente alegre e aconchegante. Assim, através de brincadeiras, as crianças e os adolescentes internados encontraram uma maneira mais positiva e criativa para viver a situação de doença, diminuindo o comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos. No entanto, é imprescindível que haja um planejamento juntamente com a escola de origem dessas crianças para que seja dada a continuidade do trabalho escolar e as crianças possam ser reintegradas à escola assim que obtenham alta do hospital.

Um acontecimento que deixam os pacientes internados bem contentes é quando eles recebem a visita dos Doutores da Alegria, pois são divertidos, se vestem com roupas coloridas e chamativas e transmitem alegria por onde passam. Sales comenta que:

“Em seu livro Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire diz que sempre se preocupou em desenvolver sua prática educativa em um clima alegre.” (SALES et al, 2014 apud FREIRE, 2016).

É muito importante que o Pedagogo Hospitalar esteja sempre alegre durante o atendimento de seus alunos. Vestir roupas coloridas, se possível, transformar o ambiente onde o atendimento será realizado em um ambiente colorido, com objetos que remetam a felicidade.



6 METODOLOGIAS

As atividades propostas pelo pedagogo devem condizer com as atividades que o aluno faria em sala de aula caso não estivesse em processo de internação. Atividades que auxiliam no processo de aprendizagem, socialização e que estimulem o raciocínio, como: pintura, musicalização, jogos, dramatização e etc. Sobre a relevância de atividades lúdicas em um ambiente hospitalar, Moraes (2013) revela que:

A brincadeira é uma ferramenta de auxílio do entendimento da hospitalização pela criança. Esta que, ao brincar, expressa seus sentimentos interpretando-os e ressignificando de acordo com o desenrolar da brincadeira. Do mesmo modo, o jogo favorece a construção emocional pela criança quando obtém êxito na construção. (2013,p. 9).

Ao realizar a pesquisa para o trabalho pude observar que um método que vem proporcionando resultados satisfatórios em relação a pedagogia hospitalar é o método: Montessori. Que foi desenvolvido por Maria Montessori e seus colaboradores e tem como objetivo observar o comportamento das crianças, ajudando a mesma no seu desenvolvimento.

Para Maria Montessori cada criança vai aprendendo no seu tempo, pelo toque, sem cobranças do tempo ou do modo como ela aprende.

“A criança, livremente e pelo toque, vai explorando e decodificando o mundo ao seu redor, sem qualquer cobrança quanto ao tempo e a forma de aprender”. (MONTESSORI, s/d)

O Pedagogo Hospitalar deve ser flexível em sua forma de trabalhar, pois muitas vezes o hospital não tem recursos para os materiais necessários para o trabalho do pedagogo. Uma boa sugestão é que ele possa contar histórias e interpretar o personagem usando roupas que condizem com o personagem e até mesmo modificando o seu tom de voz, para dar mais veracidade à história. A classe hospitalar necessita de professores com argumentação e agilidade para atuar com planos e programas abertos, móveis, e ser reorientados pela situação especial e individual de cada aluno para o atendimento. (CECCIM; FONSECA, 1998).



Digamos que o quadro do paciente é incerto, por isso cabe ao pedagogo ser flexível, pode ser necessário que tenha de mudar seu plano de aula devido a melhora ou a piora do paciente. Caso o paciente inspire maiores cuidados, o atendimento do pedagogo pode ser feito no quarto que o mesmo encontra-se internado. Se o hospital possuir um ambiente específico para o atendimento do pedagogo hospitalar, como por exemplo uma brinquedoteca, e o paciente consiga se deslocar até lá, seria oportuno que o atendimento se realizasse nesse ambiente.

Na brinquedoteca o pedagogo pode trabalhar com atividades que desenvolvam o cognitivo e a afetividade, atividades diferenciadas, que utilizem de músicas, jogos, tecnologia para a aprendizagem. Mas, é necessário que se deixe claro que as atividades têm um objetivo a ser alcançado, e não seja entendido apenas como um momento de recreação. De acordo com Pessoa, Souza e Fontes:

Sacolas contendo quebra-cabeças para serem montados junto aos familiares e acompanhantes; sacolas com livros paradidáticos apenas com histórias e outros com espaços para participarem da construção dos textos, como por exemplo: continuar a história, desenhar partes que faltam, criar o final da história, reescrever a história lida, recontar ao pedagogo ou acompanhante; fantoches de dedo para reconto de histórias já conhecidas, como os clássicos da literatura infantil, ou criação de novas histórias; uso de bolas, dados e blocos de montar; trabalhos artísticos com desenho, pintura; confecção de imagens com papel (origami), de máscaras, chapéus, esculturas, modelagens; brincadeiras como pular elástico e amarelinha; jogar ping-pong, boliche com variações (com as mãos, com os pés); imitações; uso de fantasias; danças livres ou coreografadas; uso de instrumentos musicais; recursos tecnológicos como jogos computadorizados, vídeo games, assistir filmes. (2012, p. 12).

Por mais que a função do Pedagogo seja estar ali para ajudar a criança na relação ensino aprendizagem, cabe a ele ter um olhar crítico diante da situação e compreender que em alguns dias a criança possa não estar disposta a realizar as atividades devido seu estado de saúde.



7 A IMPORTÂNCIA DA BRINQUEDOTECA NA APRENDIZAGEM DO ALUNO

As atividades desenvolvidas na brinquedoteca devem ser sempre acompanhadas pelo Pedagogo Hospitalar. Durante as atividades a criança vai muito além da imaginação ao usar o lúdico como forma de aprendizagem, ela realmente aprende brincando. Mas, não deve ser vista somente como momento de lazer, é também uma forma de estar desenvolvendo o raciocínio, memória, lateralidade, criatividade, entre outros.

Godoi (2008, p. 50) destaca a relevância na brinquedoteca como um espaço de humanização. A importância de brinquedotecas em hospitais é indiscutível, e sua utilização intensiva deveria ser uma obrigação, pois muitos hospitais possuem, porém não utilizam adequadamente. A presença de contadores de história, visita de clowns ou artistas como os Doutores da Alegria, e até mesmo a utilização de animais como coadjuvantes no tratamento tem se mostrado de grande utilidade e humanizado um ambiente que lhes são extremamente agressivos. (GODOI, 2008 apud SALES et al, 2016, p. 45).

Quando a criança frequenta a brinquedoteca ela está aprendendo brincando. Muitos hospitais possuem, porém não fazem uso e acabam se tornando um cômodo fechado e abandonado. “[...] a brinquedoteca no hospital tem como finalidade tornar o ambiente mais alegre e menos traumatizante, favorecendo melhores condições para a recuperação da criança”. (ELMESCANY, 2006 apud BRITO; PERINOTTO, 2014, p. 299).

Contribui para a formação do “eu” da criança, transforma o momento de dor e sofrimento em momentos de felicidade, faz com que elas se sintam à vontade e aumenta sua autoestima. A criança esquece por um momento de todo aquele sofrimento que está passando e volta apenas “a ser criança.”

É imprescindível que a brinquedoteca tenha o piso emborrachado e os móveis contenham bordas arredondadas para evitar acidentes futuros. É importante que seja um lugar colorido, onde o pedagogo possa usar sua criatividade.

É necessário que haja uma preocupação com a higienização do local e dos brinquedos, e que sejam tomadas todas medidas de precaução para evitar uma possível infecção hospitalar.



8 A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL ATUALMENTE

Por mais que esteja previsto em Lei que toda criança ou adolescente hospitalizado tenha direito de ter um Pedagogo Hospitalar para que continue a aprendizagem, na realidade não é assim que acontece. No Brasil, não há divulgação sobre o assunto e poucas são as pessoas que tem acesso a essa informação.

O estudo sobre esse tema é escasso e é um campo no qual precisa de maiores investimentos. Em cidades do interior não há Pedagogos Hospitalares, portanto crianças internadas estão desassistidas e tem somente o atendimento dos funcionários do hospital.

Quando recebem alta hospitalar estão defasadas na aprendizagem escolar e muitas das vezes perdem o ano letivo ou abandonam a escola.

Países como França e Estados Unidos estão à frente do Brasil quando o assunto é Pedagogia Hospitalar, pois a estrutura econômica desses países é mais desenvolvida, e são países que apostam muito em saúde e educação.

9 CONCLUSÃO

Muito tem se falado sobre os novos ambientes em que o Pedagogo pode atuar além da sala de aula. Como por exemplo, na educação especial, gestão escolar, pedagogia empresarial, orientação escolar e pedagogia hospitalar. O pedagogo vem conquistando seu espaço em diferentes locais de atuação, dentre eles o hospital. Podemos perceber que Pedagogia Hospitalar não é um assunto recorrente nas rodas de conversa e muito menos nas mídias digitais. Muitas pessoas nem sabem desse ramo de atuação da Pedagogia e nem dos direitos que a pessoa possui caso esteja em processo de internação

O hospital nada remete a um ambiente escolar, já é difícil pra criança estar ali em processo de internação, longe da família, dos amigos, da escola, da rotina do dia a dia. O fato do



pedagogo estar ali para dar um suporte a criança, não somente escolar, físico, mais também emocional é muito importante, pois o Pedagogo age também como um psicólogo, auxiliando o aluno e também a sua família.

Há pacientes que ficam internados por semanas, ou até mesmo meses, em longo processo de tratamento, e cabe ao Pedagogo dar o auxílio necessário para que o aluno não sinta falta das atividades escolares.

A rotina de um hospital não remete a uma vida fácil para o aluno, e ao realizar atividades escolares, ter o apoio de um Pedagogo, faz com que o aluno não se sinta esquecido pelos demais, estudando ele tem a oportunidade de se distrair e mudar o foco de dor, dificuldade, e sofrimento que aquele ambiente traz.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Neusa. **Histórico da Pedagogia Hospitalar**. 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/historico-da-pedagogia-hospitalar/74994/>> Acesso em: 16 jun. 2020.

ARAÚJO, Jacyene. **As características da implementação de Classes Hospitalares**: um estudo sobre o atendimento a Educação Infantil. 2015. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20362_9576.pdf > Acesso em: 23 mar. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Constituição Federal de 1998**. Brasília: Conselho Federal de Educação. 1088. Disponível em: <http://www.mpgp.br/portalweb/hp/10/docs/constituicao_federal_de_1988_-_da_educacao.pdf> Acesso em: 14 jun. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Direito da criança e do adolescente hospitalizados**. 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>> Acesso em: 14 jun. 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 14 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **D.O.U. de 05/04/1977**. Seção I, Parte I, p. 3929.

VI SIMGETI – Grupo Educacional Unis – Varginha, 23 e 24 de novembro de 2020 –
ISSN: 2447-7303



BRASIL. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em: 10 set.2020

CECCIM, Ricardo; Fonseca, Eneida. Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. **Temas sobre Desenvolvimento**, [S. l.], v. 8, n. 44, p. 117, 1999.

CUNHA, N. H S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 3. ed. São Paulo: Vitor, 2001.

DANTAS, Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto. **O Ensinar e o Aprender no Hospital**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16092_8169.pdf>. Acesso em: 05 set. 2020.

DIAS, Maria Madalena; RODRIGUES, Karina. **Pedagogia hospitalar: o pedagogo e suas práticas educativas em espaços não escolares**. 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541_13120.pdf> Acesso em: 03 abr. 2020.

ESTEVES, Cláudia. **Pedagogia Hospitalar uma modalidade de ensino em diferentes olhares**. 2013. Disponível em: <http://serra.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/04/pedagogia_hospitalar_uma_modalidade_de_ensino_em_diferentes_olhasres.pdf>. Acesso em: 09 de set. 2020.

FONTES, Rejane. Da classe á pedagogia hospitalar: a educação para além da escolarização. **Linhas**, Florianópolis, jan./jun. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GODOI, A. F. de. **Hotelaria hospitalar e humanização no atendimento em hospitais**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2008, 156 p.

GOMES, Janaína; RUBIO, Julia. Pedagogia hospitalar: A relevância da inserção do ambiente escolar na vida da criança hospitalizada. **Revista Eletrônica Saberes de Educação**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-13, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Janaina.pdf>> Acesso em: 17 jun. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para que?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.



MATOS, E.L.M, MUGIATTI, M.T.F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando a educação e saúde.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENEZES, Cinthya. O papel do pedagogo no ambiente hospitalar: a formação além da docência. **EDUCARE**, Curitiba, 26 a 29 out. 2015. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18954_8950.pdf> Acesso em: 28 mar. 2020.
MONTESSORI, Maria. *Mente Absorvente.* Nórdica: Rio de Janeiro, s/d

MORAIS, Ana Maria Galeazzi. **A importância do brincar no desenvolvimento infantil.** Disponível em: <http://www.tribunaimpressa.com.br/Conteudo/A-importancia-do-brincar-no-desenvolvimento-infantil,771,778>. Acesso em: 15 set. 2020.

ORITZ, LCM. Ensinando a alegria á classe Hospitalar. **Vida, Saúde, Educação e Meio Ambiente**, [S. l.], p. 1-7, jul./set.1999.

PEREIRA, Luciana Ferreira. **Pedagogia Hospitalar: A Leitura Nutrindo a Alma.** Disponível em: < <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-leitura-nutrindo-alma.htm>>. Acesso em: 10 set. 2020.

PEREIRA, Julia; TAVARES, Luciane Madeira Motta, RICHARTZ . Terezinha. A importância da pedagogia hospitalar para alunos em tratamento intensivo In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo (Org.). **Investigação científica nas ciências humanas 3.** Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. p. 22-32. Disponível em: < <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/10/E-book-Investigacao-Cientifica-nas-Ciencias-Humanas-3-1.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

PESSOA, Ana Cláudia Bandeira; SOUZA, Miria Helen Ferreira de; FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira. **O lúdico no ambiente hospitalar: algumas reflexões.** Campina Grande/PB: Realize Editora, 2012

ROCHA, Simone M.; PASSEGGI, M. C. F. B. S. Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 113-121, jan./jun., 2010.

SILVA, Adrieli. O papel do pedagogo no ambiente hospitalar. **Brasil Escola**, [S. l.], [2012?]. Disponível em: < <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>> Acesso em: 23 mar. 2020.

TAAM, Regina. **Assistência pedagógica à criança hospitalizada.** 2000. 216f. Tese



de Doutorado em Educaçao - Faculdade de Educaçao, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2000.